



**COMBATE AO
RACISMO
INSTITUCIONAL:
ESSA LUTA TAMBÉM É SUA**



SINASEFE



FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Ricardo de Souza Janoario

EQUIPE DE PESQUISA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Ricardo Janoario, Regina Dias, Gabrielle Martins, Marcelle Agostinho,
Daniel Siqueira, Elizabeth Souza, Sheila Dias, Fabiana de Souza e Kemelly Vicente,
Grupo de Estudos sobre Racismo e Surdez (GERES)

ARTE

Marcelo Marcos de Souza Campos

REVISÃO

Tiago Ribeiro

Osilene Cruz

DIAGRAMAÇÃO

Flávia Destri

DIVULGAÇÃO

Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE)



APRESENTAÇÃO

O presente volume – *Combate ao Racismo Institucional: essa luta também é sua* – foi idealizado para fornecer informações básicas e análises das várias formas de racismo e discriminação racial que ocorrem na sociedade brasileira. Os principais objetivos são incentivar o diálogo e sugerir estratégias de combate ao racismo institucional. Além disso, possibilitar o contato com os interessados em tornar mais eficaz a compreensão de como o racismo funciona, seus impactos e como podemos mitigar as práticas racistas ocorridas diariamente no interior das instituições.

A Cartilha desenvolvida fornece informações sobre as múltiplas formas de racismo e também incluem sugestões e estratégias antirracistas que podem ser utilizadas nos diversos espaços institucionais: escolas, empresas, instituições em geral, para incentivar o respeito às diferenças e aos direitos humanos.

Alguns leitores podem estranhar o conteúdo aqui apresentado e ter dificuldades em entendê-lo. Por exemplo, o vocabulário e as teorias para compreender as diferentes formas de racismo, muitas das vezes, não estão presentes nas discussões cotidianas das instituições. Outros leitores podem achar os detalhes da legislação e mecanismos de denúncia ao racismo desconcertantes. Não se preocupe! A Cartilha é projetada para que vocês possam usar conforme necessário e na hora que quiserem. À medida que se familiarizarem com a temática e suas respectivas estratégias de combate, poderão aplicá-la no trabalho, na comunidade, nos múltiplos espaços e adaptá-la para finalidades específicas: palestras, dinâmicas de grupo, seminários, capacitação em serviço dentre outras atividades. Portanto, esta cartilha foi desenvolvida como um recurso a ser utilizado nos mais variados contextos. Esperamos que esse material seja muito útil para ajudá-los a enfrentar e combater efetivamente o racismo institucional.



SUMÁRIO

1 – Racismo.....	5
2 – Por que falar de Racismo Institucional?.....	7
3 – 13 de maio, data de comemoração?.....	9
4 – Preconceito racial e Discriminação Racial: existem diferenças?.....	12
5 – Políticas de ações afirmativas: cotas raciais.....	15
6 – Raça ou Etnia?.....	16
7 – Sofri racismo, o que fazer?.....	19
8 – Dicas de leitura.....	22
9 – Dicas de filmes.....	27
10 – Glossário.....	31
11 – Estatísticas.....	36
12 – Chamadas/Legislação.....	37
13 – Documentário para debater racismo.....	38



RACISMO

As práticas de racismo têm sido cada vez mais rotineiras: jovens negros sendo presos e mortos nos supermercados, nas ruas, nas escolas, além dos casos de discriminação racial sofridas nas intervenções policiais, nos bailes em comunidades são alguns dos exemplos que temos vivenciado. Segundo o Atlas da Violência (2018), o índice de homicídio de pessoas negras chegou a 23,1%, enquanto o de não negros teve uma redução de 6,8%. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. Diante desse panorama, é necessário falarmos sobre racismo.

Constitui-se racismo qualquer prática, verbal ou não-verbal, que inferiorize uma raça e/ou etnia. No Brasil, podemos dizer que o racismo teve início quando os povos africanos eram retirados de seus países para serem escravizados em territórios brasileiros, dando início ao processo de inferiorização da população negra. Por muito tempo, foi negado à população negra o acesso à educação, aos tratamentos de saúde, às condições dignas de moradia e saneamento, bem como houve violação do direito à liberdade, à vida, à igualdade, à segurança, como assegura a Constituição Federal Brasileira.

Apesar do reconhecimento do racismo na sociedade brasileira, o mito da democracia racial ainda persiste e se configura como um dos maiores obstáculos para se desenvolver qualquer projeto antirracista no Brasil. Vivemos em uma sociedade que por anos tem disseminado o ódio e a inferiorização da etnodiversidade. O sistema escravocrata deixou marcas racistas que a população negra sofre por ser encarada como inferior, subjugada, vista como “peça” de comercialização.

Desta forma, é necessário pensar em meios para se combater tal prática, como lutar por políticas de ações afirmativas, buscando uma sociedade mais

equânime. Nesse aspecto, podemos destacar a importância das leis 10.639/03 e 11.645/08, trazendo a obrigatoriedade em abordar a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" nas escolas, tornando necessário o debate e o enfrenta-





RACISMO É CRIME!

POR QUE FALAR DE RACISMO INSTITUCIONAL?

Na maioria das vezes, as práticas de racismo na sociedade brasileira não são denunciadas, exceto por aqueles que sentem fortemente seus efeitos. De início, isso ocorre porque as pessoas não estão dispostas emocionalmente a enfrentar as várias etapas para denunciar uma atitude racista. Em parte, esse fracasso em reconhecer e delatar a discriminação racial resulta do racismo velado que compõe a estrutura social brasileira. Um dos principais motivos que justificam a necessidade de se debater o racismo é alertar as pessoas da realidade de exclusão social dentro e fora das instituições.

Diante da sensação de frustração e impotência em combater o racismo, sustentamos comportamentos racistas, incluindo ações abusivas, danos à propriedade, assédio racial, agressão física, impossibilidade de circulação territorial, de acesso à produção de riqueza e à divisão justa do trabalho. Juntamente com essas práticas, as instituições também podem excluir, marginalizar e oprimir, o que chamaremos aqui de racismo institucional.

O racismo é um fenômeno global composto por vários fatores históricos, sociais, políticos e econômicos. Muda suas formas e expressões em diferentes contextos e pode ser definido de muitas maneiras. É o resultado de uma interação complexa de crenças individuais, valores e ideologias compartilhadas e práticas institucionais engessadas. Está presente nas ações individuais e coletivas, além de ser difundido na ideologia da cultura popular. Tem como base o medo da diferença, incluindo aparência física, costumes, valores, idiomas, religiões, culturas e visões de

mundo. Portanto, uma compreensão da natureza do racismo é essencial para identificá-lo e combatê-lo de forma eficaz.

O racismo institucional é uma ação recorrente nas instituições políticas e sociais. É uma prática rotineira que sistematicamente beneficia o grupo dominante enquanto desvaloriza e exclui outros. Por representar os ideais culturais dominantes, é difícil de ser identificado devido ao fato de se misturar com as práticas normatizadoras da instituição. Dessa forma, funciona como um ciclo de discriminação, geralmente como um discurso que repousa na capacidade ideológica de se naturalizar atitudes preconceituosas, ações racistas, comportamentos abusivos, os quais parecem inevitáveis e, sobretudo, necessários. Fundamentalmente, podemos entender o racismo institucional como a negação do acesso à participação plena de benefícios sociais e matérias socialmente reconhecidos.

De costume, a existência do racismo institucional só é revelada através das estatísticas alarmantes sobre a população negra, tais como o risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil ser 2,7 vezes maior que a de um jovem branco, segundo o Atlas da Violência 2018, com base no Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência. O mesmo desnível ocorre com as taxas de desemprego, ou, ainda, nas prisões, nos índices de mortalidade infantil, dentre outros. A ausência do debate sobre o impacto do racismo nas vidas negras reforça a naturalização de práticas excludentes e discriminatórias existentes na sociedade brasileira.

Portanto, é necessário entender o racismo como uma prática complexa, dispersa e, na maioria das vezes, socialmente aceitável, que impõe uma relação de dominância e subordinação. Está presente tanto nas instituições como nos corações e mentes daqueles que trabalham em ambientes institucionais. Refere-se às formas pelas quais as instituições cotidianamente mantêm a desigualdade social e racial entre os grupos. O racismo e o preconceito, de fato, fazem-nos menosprezar a riqueza das diferenças presentes na vida intra e extrainstitucional.



13 DE MAIO, DATA DE COMEMORAÇÃO?

De acordo com os registros históricos, a Lei Áurea aboliu oficialmente a escravidão no Brasil na data de 13 de maio de 1888. No entanto, cabe mencionar que a Abolição da Escravatura não deu à população negra a inserção digna à sociedade. Condição essa que pode ser ratificada pela ausência de responsabilidade dos senhores de engenho em relação à segurança dos libertos e pela não participação do Estado, da Igreja ou de qualquer outra instituição que se preocupasse com as condições básicas de sobrevivência da população negra. O panorama era de negação à propriedade privada, ao acesso à terra, ao trabalho, à educação, à participação social dos negros e negras “libertos”. A referida data se tornou marco de luta do Movimento Negro contra o racismo e não uma data comemorativa, tendo em vista o processo de exclusão subjugado aos homens e mulheres negras.

Ao longo da formação histórica, marcada pela colonização, pela escravidão e pelo autoritarismo, a sociedade brasileira sofreu fortes influências de teorias raciais repletas de um suposto cientificismo que progressivamente atestaram a inferioridade da população negra em vários aspectos: a degenerescência do mestiço, o ideal do branqueamento, a primitividade da cultura negra. A negação da existência do racismo ainda é dominante. O espectro do *mito da democracia racial* tem causado males à população negra no seu desenvolvimento econômico, social, cultural e educacional. Tal discurso mascara que mulheres e homens negros superlotam as prisões de todo o país; que preenchem os hospitais psiquiátricos; que são constantemente assassinados e agredidos pela violência policial; que representam a maioria dos analfabetos e dos desempregados; que têm no mercado de trabalho seus direitos negados; que, em sentido amplo, têm convivido com a fome, o tabagismo, o alcoolismo, as epidemias mortais; e que ainda representam o maior número de vítimas por homicídios.

De fato, o racismo pós-abolição formou-se por meio da prática agressiva, da

conquista, da dominação ou do extermínio de qualquer grupo humano, sobretudo o negro. As práticas racistas perduram até os dias atuais, com potencialidade violenta, convertendo-se, ao longo dos tempos, numa realidade tenaz, arraigada na consciência e na prática social. Trata-se de algo que se incorporou na maneira de ser e agir e que se enraizou profunda e maleficamente no tecido social brasileiro. Ser negro no Brasil significa representar uma identidade com base não só nos aspectos fenotípicos, mas também nos políticos, geográficos, históricos e religiosos. Vivemos sob imposição de um modelo estético, cultural, político hegemônico e normativo que deforma a imagem, assim como oprime a consciência de pertencimento racial e de se afirmar como negro.

Falar sobre preconceito, racismo, discriminação racial não é realizar um discurso de lamentação, mas, sim, dar visibilidade ao racismo cotidiano ao qual a população negra é submetida. A luta contra o racismo deve ser um fator permanente na sociedade. Para combatê-lo é necessária a implementação de políticas específicas, focais, imediatas e eficazes. A população negra reivindica, além de saúde, educação, oportunidades iguais de acesso às vagas de emprego, além do reconhecimento da cidadania. Combater o racismo, no Brasil, não significa estar em um labirinto sem saída ou em uma equação sem solução. Almeja-se que o racismo seja combatido em nome da vida, em nome dos direitos, em nome da dignidade humana, dos princípios democráticos, pois, mesmo diante de tantas peculiaridades, ser negro na sociedade brasileira significa pertencer a uma dinâmica de luta que a todo instante tenta extorquir a originalidade do povo negro.

A vida pós-abolição é entendida aqui como um período de negação de direitos raciais, portanto, a luta contra o racismo não é e não pode ser um problema unicamente dos negros, mas, sim, de todos os brasileiros. Não há possibilidade de alcance de uma democracia pautada na cidadania e na justiça racial sem o combate constante do racismo. A luta contra as desigualdades raciais precisa não apenas eliminar a discriminação no presente, mas, também, corrigir os efeitos perversos da discriminação passada. Isto quer dizer promover uma “reparação” ou “compensação” pelas injustiças historicamente cometidas à população negra. Portanto, não há o que se comemorar, mas, sim, reconhecer que vidas negras importam.





PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO RACIAL: EXISTEM DIFERENÇAS?

PRECONCEITO RACIAL

Partimos da ideia de que o preconceito é uma falsa crença com base em generalizações equivocadas sobre determinados grupos raciais e étnicos. Está fundamentado nos estereótipos que impedem a comunicação entre as pessoas. Constitui-se nas ideias pré-concebidas, ou seja, consciente e inconscientemente construídas de geração em geração, alcançando a todos de forma sutil e geralmente imperceptível. Está nas formas mais subjetivas do ser humano. Quando praticado, torna-se discriminação, e também pode ser repellido na tentativa de impedir atitudes discriminatórias, colocando cada pensamento à prova, e conseqüentemente mudando vocabulários e maneiras de ser e agir.

As ideias preconceituosas estão diretamente relacionadas com a forma como as pessoas se comportam e interagem com as outras, sobretudo com aquelas que são diferentes delas. O preconceito é uma atitude geralmente negativa em relação aos membros de um determinado grupo. As características comuns do preconceito incluem sentimentos negativos, crenças estereotipadas e uma tendência a discriminar o outro. Consiste em ideias pré-concebidas que resultam na tendência de categorizar rapidamente as informações no mundo que nos rodeia. Podemos dizer, então, que o preconceito racial são formas de pensar que não são manifestadas, mas que resultam em atitudes como, por exemplo:

- deslegitimar mulheres e homens negros;
- suspeitar da pessoa negra na sociedade;

- supor que a mulher negra é mais forte, suporta mais dor;
- afirmar que a população negra que reside nas comunidades são pessoas de má índole e têm a tendência de serem criminosos;
- dizer que as profissões consideradas de alto prestígio não são para pessoas negras.

O preconceito racial é um conceito bastante complexo e parte do campo das ideias. É uma avaliação prévia, negativa, articulada na sociedade com intuito de não permitir o reconhecimento da pessoa negra.

Então, livre-se dos preconceitos e dialogue!

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A discriminação Racial ocorre na sociedade de diversas formas, seja ao pleitear uma vaga de emprego, em que uma pessoa negra não ingressa, mesmo dotada de um bom currículo; nas universidades, em que não está presente nos cursos de grande prestígio social; quando não é vista como consumidora em potencial nas lojas dos shoppings, e sim apenas como prestadora de serviços auxiliares; ou quando constantemente um homem negro correndo na rua é confundido com um elemento suspeito e é interrompido e/ou questionado o porquê está correndo.

A discriminação racial caracteriza-se pela segregação ou tratamento diferenciado por uma pessoa ou grupo de quaisquer raças ou etnias que criam práticas e políticas de efeito excludente. Está para além da relação histórico-social que se encontra nas mais simples e complexas esferas de poder, estabelecendo diferenciações hierárquicas. Quando marcam os corpos negros que carregam a permissão ou restrição de onde, quando e como circular, contrapõe-se à Constituição Brasileira e à Declaração dos Direitos Humanos, que asseguram o acesso à igualdade a todos.

Na prática, a discriminação racial acontece quando a população negra recebe um tratamento diferenciado, afetando o seu direito de ir e vir até mesmo nos lugares reconhecidos como partes nobres da cidade, lugares esses demarcados como território de pessoas não negras. E ainda quando abordada pela polícia ao caminhar e/ou tomar um ônibus e receber olhares de desconfiança, ameaça e suspeição.

A discriminação racial tem sério impacto na vida de todos os grupos sociais no Brasil. Por meio dos estereótipos socialmente impostos foram estabelecidas distopias que justificavam o controle dos corpos negros. Consiste em ações que produzem desigualdades nos campos político, econômico e cultural. São violações históricas que precisam ser reconhecidas como responsabilidade de todos.

Portanto, a educação tem papel fundamental no processo de formação humana. É necessário desenvolver metodologias emancipatórias que estimulem o pensamento crítico sobre as desigualdades sociais e raciais. É condição primordial debater a temática da discriminação racial, possibilitando a participação crítica como parte essencial de um projeto de sociedade mais justa.





POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: COTAS RACIAIS

Vivemos numa sociedade onde as pessoas negras e brancas, por muitos anos, foram colocadas socialmente em lados opostos. Aos brancos, poder, domínio e riquezas; aos negros, escravidão, pobreza e desumanidade. Após 131 anos abolição da escravatura, a desigualdade persiste entre negros e brancos. O que esse passado não tão distante tem a ver com as políticas de ação afirmativa? Bom, tudo!

Em 2012, por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a constitucionalidade do sistema de cotas raciais para ingresso em universidades brasileiras. Entendemos que as políticas de ações afirmativas são medidas especiais, focalizadas, temporárias, compensatórias que visam prover igualdade aos grupos discriminados na sociedade. São medidas que possibilitam o direito à igualdade de oportunidades pautada no respeito à diferença e à diversidade, especialmente para o campo da Educação.

As ações afirmativas têm o propósito de contribuir para chamada “diversidade no trabalho, na educação, no mundo empresarial”, com intuito de reduzir a baixa representatividade de determinados grupos nas posições de prestígio e poder. O compromisso com a ação afirmativa, sob a forma de promoção da diversidade, exige que as empresas, as universidades e as instituições como um todo ampliem suas redes em termos de recrutamento e seleção de pessoal, de modo a incluir pessoas de todos os segmentos sociais. Dito de outro modo, subtrair do imaginário coletivo a ideia de supremacia e de subordinação, seja do homem em relação à mulher, do branco em relação ao negro, de um grupo em relação ao outro.

É comum vermos nas discussões de alguns grupos o discurso contra

as cotas. Cabe perguntamos, quantos empresários negros bem-sucedidos você conhece? Quantos médicos negros já te atenderam? Em contrapartida, qual a cor predominante da população em situação de rua, nos presídios? De fato, as pessoas negras ainda não são preteridas em vagas de trabalho. É a população negra que, em grande parte, sofre nos subempregos. Portanto, as políticas de ações afirmativas têm papel fundamental para o reparo e avanço de todos de forma equitativa e justa.

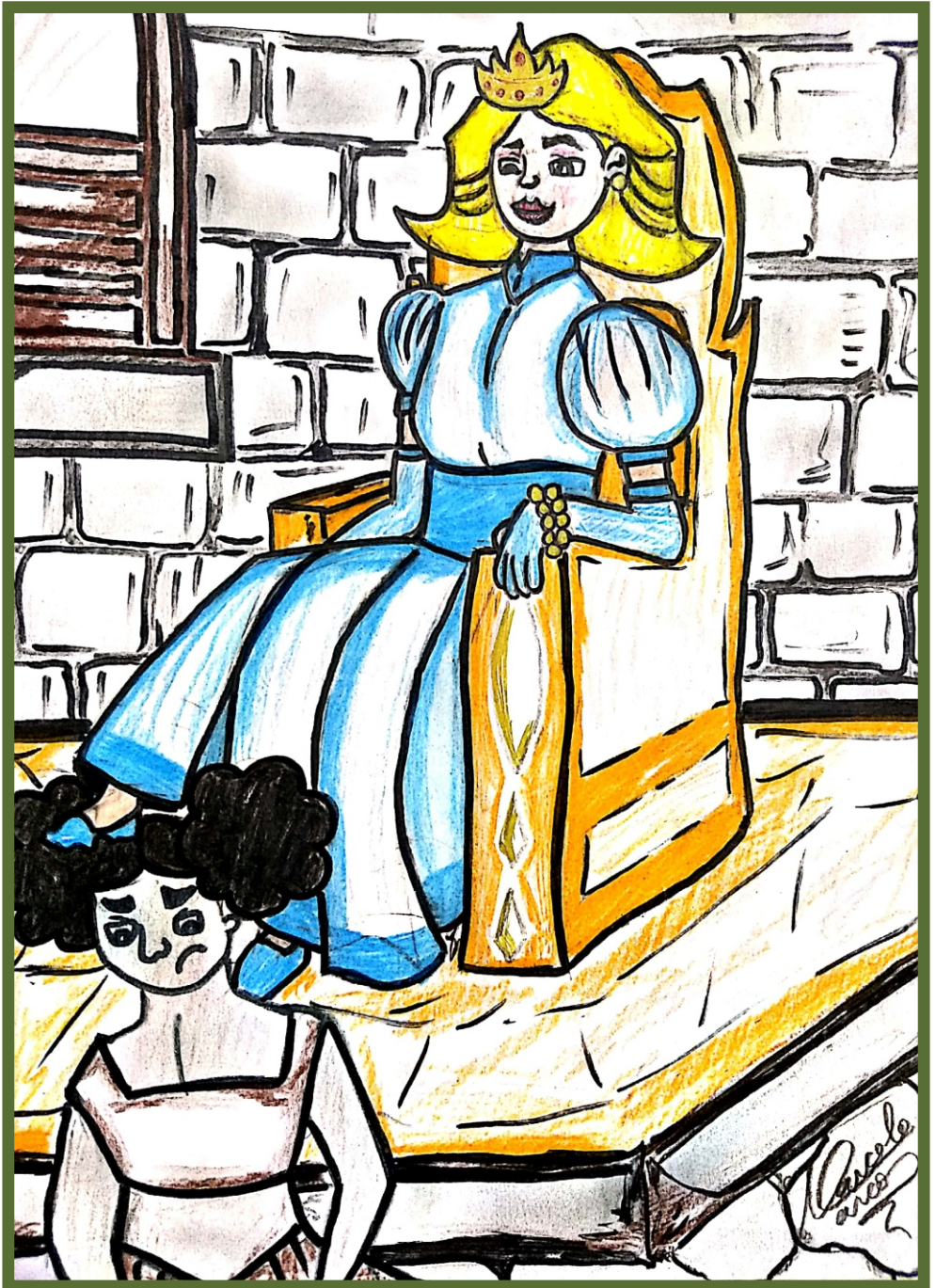
RAÇA OU ETNIA?

A raça presume traços biológicos ou genéticos compartilhados. Relaciona-se com a aparência de uma pessoa - com características genéticas como cor da pele, cor dos olhos, cor do cabelo, estrutura física. Hoje em dia, a ideia de raça é interpretada como um construto social, sem nenhuma referência a qualquer categoria biológica. O termo *raça* significa o emprego de diferenças fenotípicas, como símbolos de distinções sociais. Portanto, os significados e categorias raciais são entendidos em termos sociais, e, não, biológicos. Não consiste somente em um marcador da diferença fenotípica, mas sobretudo do *status*, da classe e do poder político. Portanto, as relações raciais são relações de poder: ser negro no Brasil, na maioria das vezes, significa ter menos acesso aos serviços nas áreas de educação e saúde, ter um padrão de vida inferior, além de carregar consigo a marca da criminalidade, dentre outros atributos negativos.

Etnia, por outro lado, refere-se a fatores culturais como nacionalidade, cultura, ancestralidade, língua, tradição e crenças. Traços culturais compartilhados. Alguns grupos étnicos também compartilham características linguísticas ou religiosas, enquanto outros compartilham uma história comum em grupo. Um grupo étnico ou etnia é uma população de seres huma-

nos cujos membros se identificam entre si, com base em uma genealogia ou ancestralidade constituída. Os grupos étnicos distinguem-se diferentemente de um período de tempo para outro. Tipicamente buscam se definir, mas também são definidos pelos estereótipos dos grupos dominantes.

Cabe ainda mencionar que o conceito de raça faz parte de uma construção social do país e está atrelado às especificidades de cada grupo. A sociedade possui desigualdades que proporcionam separações, sejam elas: de grupos religiosos, de classes, grupos políticos, raça, gênero, entre outras questões. Mas o que se pode observar é que existe um padrão já estabelecido que se perpetua ao longo dos séculos. O ser ideal para a sociedade é correspondido por aquele que possui um rótulo com características específicas: jovem, cis, de gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, atlético, belo e fértil. Assim é possível compreender o porquê da resistência à diversidade.





SOFRI RACISMO, O QUE FAZER?

VALE LEMBRAR QUE QUALQUER DISCRIMINAÇÃO POR RAÇA OU COR É CONSIDERADA CRIME, SEGUNDO A LEI 7.716/89:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

A Lei 7.716/89 é também conhecida como Lei Caó, em homenagem ao seu autor Carlos Alberto Caó de Oliveira, um dos poucos parlamentares negros a participar da elaboração da nova Constituição de 1988, que tornou a prática de racismo crime inafiançável e não prescrito. Até então, o racismo era considerado pela legislação brasileira apenas contravenção penal. A Lei altera a conhecida como Lei Afonso Arinos de 1951, a primeira a legislar proibindo práticas de preconceito racial no Brasil.

São descritos como crimes raciais:

- a recusa de acesso ao emprego; a matrícula escolar por discriminação ou preconceito;
- praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito por meio de símbolos como a suástica nazista, ou por meio de veículos de comunicação;
- obstar o atendimento a pessoas em estabelecimentos comerciais, a entrada em restaurantes, bares, edifícios públicos ou a utilização em transporte público.



SOFRI RACISMO, E AGORA?

1. A vítima ou testemunha do caso deve procurar uma autoridade policial. Ir até a delegacia de polícia mais próxima e fazer boletim de ocorrência (BO);

2. Em caso de flagrante, o autor deve ser preso. Também é importante permanecer no local da ocorrência e identificar possíveis testemunhas, pedindo seus nomes e telefone ou e-mail para contatos;

3. Caso a autoridade policial se recuse a fazer o registro, boletim de ocorrência (BO), a vítima deve procurar a Ouvidoria da Polícia Civil para denunciar a falha da conduta ao atendente;

4. É importante registrar a queixa na Delegacia de Polícia Civil mais próxima, com nomes e contatos de testemunhas, além de pedir ao policial para anotar na queixa o desejo de que o agressor seja processado e o crime investigado por meio de um inquérito e não por TCO (Termo Circunstanciado de Ocorrência) – infração de menor potencial ofensivo ou menor relevância.

5. Apresentar o BO a um advogado ou à defensoria pública, para as providências jurídicas.



ONDE DENUNCIAR?

É possível prestar queixa nas delegacias comuns e/ou em delegacias especializadas em crimes raciais, como a Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI), infelizmente instalada em poucos estados do Brasil como: Rio de Janeiro, São Paulo, Piauí e Mato Grosso. No Ministério dos Direitos Humanos do Governo Federal, existe a Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que é a instituição que recebe denúncias pelo Disque 100, por meio da Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial; por e-mail (ouvidoria@seppir.gov.br); por telefone (61 2025-7001 /7002 /7003 /7004 / 7005); ou de forma presencial (endereço: Esplanada dos Ministérios, bloco A, 9º andar, CEP 70.054-906 – Brasília).

DICAS DE LEITURA



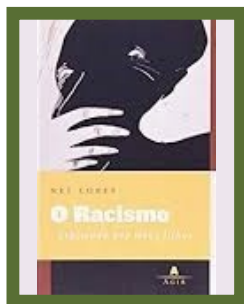
RACISMO, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA EDSON BORGES, CARLOS ALBERTO MEDEIROS, JACQUES D'ADESKI

A intolerância, o racismo e o preconceito são problemas do nosso tempo, que desafiam a sociedade e colocam em questão nossa capacidade de tratá-los racionalmente. A necessidade, cada dia mais premente, de reconhecermos a igual dignidade de todos os seres humanos traz à tona duas perguntas fundamentais: Por que as pessoas manifestam intolerância e preconceito diante daqueles que julgam diferentes? Por que uma pessoa vítima do preconceito, inclusive por racismo, pode vir também a discriminar? Boa parte deste livro destina-se, precisamente, a explicar as diversas formas de discriminação, que nascem do menosprezo pelo outro. Busca esclarecer o debate teórico sobre conceitos como xenofobia, antirracismo, etnocentrismo e ação afirmativa, entre outros. O livro enfatiza ainda que o sequenciamento do genoma humano, concluído no ano 2000, abre uma nova era na genética, que não conduz necessariamente a uma visão racista das diferenças entre os seres humanos. Discutindo três casos de racismo e discriminação amplamente divulgados pela imprensa brasileira nos últimos anos, o livro também mostra que é possível promover maior respeito e tolerância em relação ao outro por meio do apelo à justiça. Racismo, preconceito e intolerância é um livro fundamental para todas as pessoas interessadas em contribuir para a construção de um mundo de paz, no qual as diferenças culturais, étnicas ou religiosas sejam vistas como riquezas, e não mais como elementos ameaçadores.



QUESTÃO DE PELE - CONTOS SOBRE PRECONCEITO RACIAL (RUFFATO, LUIZ)

Assim como *Entre nós* – obra de estreia da coleção, com contos sobre a homossexualidade –, "Questão de pele" traz textos de alguns dos maiores escritores brasileiros, como Machado de Assis e Lima Barreto. Representantes da luta negra no Brasil também estão no livro, entre eles Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Cuti e Nei Lopes. Além disso, a antologia "Questão de pele" traz ainda, como apêndice, o depoimento de Mahomma G. Baquaqua, ex-escravo que fala de dentro do processo de escravidão: relata sua escravização; suas experiências como escravo em Pernambuco e sua viagem até os Estados Unidos, onde, finalmente, consegue liberdade.



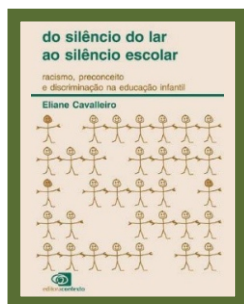
O RACISMO EXPLICADO A MEUS FILHOS LOPES, DE NEI BRAZ

Desde a antiguidade, sempre existiram várias formas e manifestações de. Apartheid, antissemitismo, preconceito, discriminação, segregação, molestamento, genocídio... Origens, conceitos e Informações importantes para que as crianças compreendam os males sócio-político-culturais que o racismo causa.



-O RACISMO, UMA INTRODUÇÃO - COL. DEBATES WIEVIORKA, MICHEL

A caracterização e a avaliação do que vem a ser racismo tem se transformado consideravelmente ao longo do tempo. Hoje, é grande a distância entre suas expressões clássicas, que se remetem à ciência, e ao suposto rigor objetivo de suas classificações, e suas formas contemporâneas, que se referem, cada vez mais, à ideia de "diferença", com o reconhecimento do direito do outro à presença diversa, e da incompatibilidade das culturas nas relações e confrontos de seus valores.

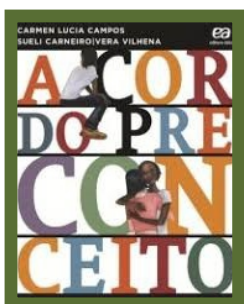


DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR

CAVALLEIRO, ELIANE DOS SANTOS

Este trabalho procura compreender a socialização, no que tange às relações étnicas estabelecidas no espaço da pré-escola e no espaço familiar. Para tanto, retoma, teórica e brevemente, os conceitos de educação, processo de socialização, racismo, preconceito e discriminação étnicos.

A fim de desenvolver a análise desejada, foi realizada uma pesquisa de campo de maneira a, através da observação sistemática do cotidiano escolar, apreender a relação professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno, no que diz respeito à expressão verbal, prática não-verbal e prática pedagógica. Além disso, foram realizadas entrevistas com o corpo docente, com as crianças e seus familiares, buscando compreender como percebem, entendem e elaboram a formação multi-étnica da sociedade brasileira. Os dados colhidos na escola indicam uma distribuição desigual do contato físico entre as professoras e seus alunos negros e brancos, bem como formas diferentes de avaliá-los em suas atividades escolares.

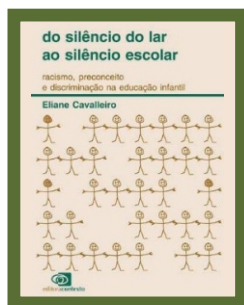


A COR DO PRECONCEITO - COL. JOVEM CIDADÃO

CAMPOS, CARMEN LÚCIA; CARNEIRO, SUELI; VILHENA, VERA

Mira é uma excelente aluna e, graças a sua dedicação, consegue uma bolsa de estudos em um dos melhores colégios de sua cidade. Mas ao trocar sua escola pública da periferia onde mora por um colégio de elite, a adolescente negra se vê confrontada com a questão de sua identidade.

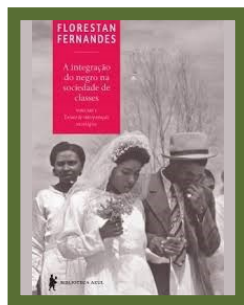
Preconceito, racismo e intolerância fazem parte da trajetória que levará a personagem a uma percepção mais madura de si mesma e da pluralidade do mundo em que vive.



PLURALISMO ÉTNICO E MULTICULTURALISMO: RACISMOS E ANTI-RACISMOS NO BRASIL

ADESKY, JACQUES D.

Apresenta os vários “Brasis” abordando prioritariamente o preconceito racial. O autor recorre a extensa bibliografia para mapear a origem do racismo, seu mecanismo e ocorrência.



A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES (FLORESTAN FERNANDES)

Neste primeiro volume, o autor põe em cheque o mito da democracia racial, além de promover um deslocamento conceitual e geográfico da questão racial no Brasil, introduzindo, de um lado, a abordagem marxista da sociedade de classes, e de outro, o caso paulista em lugar do nordestino.



RELAÇÕES RACIAIS E DESIGUALDADE NO BRASIL SANTOS, GEVANILDA

Este livro apresenta o ponto de vista histórico das relações raciais e das desigualdades no Brasil, começando no século XIX e chegando aos dias de hoje. A autora mostra novos caminhos para uma educação antirracista e, sobretudo, para estimular seus valores intrínsecos: a igualdade das relações sociais, a consciência política da diversidade

histórica, o respeito às diferenças - caminhos esses que nos conduzem à cidadania plena. Num momento em que nosso país depara com temas polêmicos, como o Estatuto da Igualdade Racial e as cotas em universidades, a Coleção Consciência em Debate pretende discutir assuntos prementes que interessam não somente aos movimentos negros como a todos os brasileiros. Fundamental para educadores, pesquisadores, militantes e estudantes de todos os níveis de ensino. Coordenação de Vera Lúcia Benedito.



OLHOS D'ÁGUA **CONCEIÇÃO EVARISTO**

Conceição Evaristo, uma das escritoras brasileiras mais importantes, cujo reconhecimento fez com que o público iniciasse uma campanha pedindo para que a autora fosse aceita na Academia Brasileira de Letras, recebeu o prêmio Jabuti por *Olhos d'água* e chegou a declarar que alguns autores brasileiros só passaram a falar com ela após essa premiação. “Foi preciso o prêmio Jabuti para comprovar que essa mulher negra não está neste espaço literário por intromissão. É porque ela escreve mesmo”.

Em *Olhos d'água* estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. Editora Pallas

DICAS DE FILMES



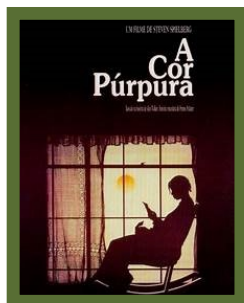
MOONLIGHT: SOB A LUZ DO LUAR

Chiron é o meio que Barry Jenkins usa para mostrar como é a vida de um homem gay, negro e morador de uma comunidade pobre. Moonlight: Sob a Luz do Luar é dividido em três fases definitivas da vida do protagonista: infância, adolescência e vida adulta. Interpretado por Alex R. Hibbert, Ashton Sanders e Trevante Rhodes em cada parte, a emocionante história de Little, Chiron e Black (como ele é chamado nas diferentes idades) ainda comenta na dificuldade de alguém sair do meio em que foi criado.



QUANTO VALE OU É POR QUILO?

O filme é uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, que forma uma solidariedade de fachada. No século XVII, um capitão-do-mato captura uma escrava fugitiva, que está grávida. Após entregá-la ao seu dono e receber sua recompensa, a escrava aborta o filho que espera. Nos dias atuais uma ONG implanta o projeto Informática na Periferia em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores comprados foram superfaturados e, por causa disto, precisa agora ser eliminada. Candinho, um jovem desempregado cuja esposa está grávida, torna-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para sobreviver.



-A COR PÚRPURA

O filme, de Steven Spielberg, conta a história de Celie, uma adolescente violentada pelo pai, que engravida e depois é oferecida a outro homem contra a sua vontade. Separada do filho e da irmã, Celie tem sua trajetória de vida marcada pela opressão durante trinta anos, até sua emancipação.



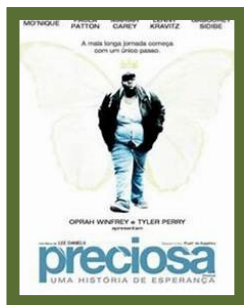
-DJANGO LIVRE

O filme, de Steven Spielberg, conta a história de Celie, uma adolescente violentada pelo pai, que engravida e depois é oferecida a outro homem contra a sua vontade. Separada do filho e da irmã, Celie Depois de revirar a história do nazismo em “Bastardos Inglórios”, Quentin Tarantino mergulhou na escravidão americana e saiu dali com uma proposta igualmente provocativa: a de um escravo que é comprado e liberto por um branco, para se tornar seu parceiro na caça pela cabeça de donos de escravos (e de quaisquer outros homens que valham uma boa recompensa). Django ainda toma para si a missão de libertar a esposa do mais cruel dos fazendeiros, fazendo-se passar por um olheiro de escravos lutadores.



-12 ANOS DE ESCRAVIDÃO

O filme se passa em 1841 e conta a história de Solomon Northup, que é um escravo liberto, que vive em paz ao lado da esposa e filhos. Um dia, após aceitar um trabalho que o leva a outra cidade, ele é sequestrado e acorrentado. Vendido como se fosse um escravo, Solomon precisa superar humilhações físicas e emocionais para sobreviver. Ao longo de doze anos ele passa por dois senhores, Ford e Edwin Epps, que, cada um à sua maneira, exploram seus serviços.



PRECIOSA

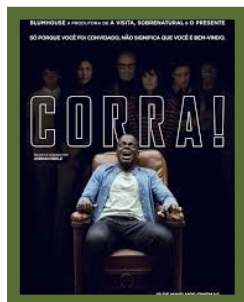
O filme se passa no bairro do Harlem, em Nova York, no ano de 1987. Nele, Claireece "Preciosa" Jones é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai e abusada pela mãe, ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco.

Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein consegue para ela uma escola alternativa, que a ajuda a lidar melhor com sua vida. Lá, Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, refugiando-se em sua imaginação.



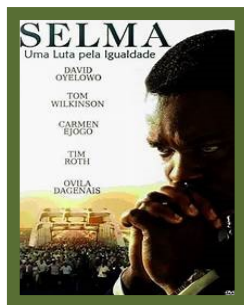
ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR

Em São Francisco, Matt Drayton e Christina Drayton, um conceituado casal, se choca ao saber que Joey Drayton, sua filha, está noiva de John Prentice, um negro. A partir de então dão início à uma tentativa de encontrar algo desabonador no pretendente, mas só descobrem qualidades morais e profissionais acima da média.



CORRA

O filme conta a história de Chris um jovem negro que está prestes a conhecer a família de sua namorada Rose. De início, ele acredita que o comportamento excessivamente amoroso por parte da família dela é uma tentativa de lidar com o relacionamento interracial, mas, com o tempo, Chris percebe que a família não é o que parece ser.



SELMA

Cinebiografia do pastor protestante e ativista social Martin Luther King, Jr (David Oyelowo), que acompanha as históricas marchas realizadas por ele e manifestantes pacifistas em 1965, entre a cidade de Selma, no interior do Alabama, até a capital do estado, Montgomery, em busca de direitos eleitorais iguais para a comunidade afro-americana.



ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

Em plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo em que a sociedade norte-americana lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros. Tal situação é refletida também na NASA, onde um grupo de funcionárias negras é obrigada a trabalhar a parte. É lá que estão Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), grandes amigas que, além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA.



GREEN BOOK

A história do filme relata o ano de 1962, onde Tony Lip precisa de trabalho após sua discoteca, o Copacabana, fechar as portas. Ele conhece um pianista, Dr. Don Shirley afro-americano renomado que está prestes a embarcar em uma turnê pelo sul dos Estados Unidos. Como precisa de um motorista e guarda-costas, Shirley recruta Tony Lip. Apesar de suas diferenças, enquanto os dois se chocam no início, ambos desenvolvem uma ligação ao enfrentar o racismo e os perigos da segregação racial.



GLOSSÁRIO

AÇÃO AFIRMATIVA: Um conjunto de medidas ou programas destinados a aumentar a participação, em todos os níveis, de emprego e educação de indivíduos ou grupos excluídos.

ANCESTRALIDADE: Um conjunto de pessoas de quem se é descendente; descendente familiar, legado de antepassados.

ANTIRRACISMO: Uma série de medidas, políticas, econômicas, educacionais, culturais para eliminar o racismo individual, institucional e sistêmico.

APARTHEID: Uma palavra de origem africana criada para descrever o sistema sul-africano de segregação institucionalizada, com intuito de manter a dominação branca. De 1960 a 1991, foi implementado um plano de separação territorial. A política oficial do Estado separava os sul-africanos negros e brancos a fim de oprimir, dominar e controlar os negros. Somente os chamados cidadãos “brancos” da África do Sul eram autorizados a votar e participar no governo e a gozar de outros privilégios.

CIS: A pessoa que se identifica completamente com o seu gênero de nascimento. Cis significa “do mesmo lado” ou “ao lado de”, em latim. Significa concordância da identidade de gênero do indivíduo com a sua configuração hormonal e genital de nascença.

COLONIALISMO: Geralmente se refere ao período de colonização europeia a partir de Colombo (1492) em diante, nas Américas, Ásia e África, com o objetivo de exercer controle, domínio, exploração de um território ocupado sob força militar e/ou governamental.

DISCRIMINAÇÃO

Ato de negar a igualdade de tratamento e oportunidade a indivíduos ou grupos por causa de características pessoais. Consiste no tratamento diferenciado que pode ocorrer com base na raça, nacionalidade, religião, etnia.

DIVERSIDADE

Um termo usado para abranger todas as origens nacionais, raciais, étnicas, religiosas e outras. Representa uma ampla gama de qualidades e atributos humanos dentro de um grupo, organização ou sociedade.

Grupo dominante

Considerado o grupo que controla as principais normas e valores de uma sociedade.

EQUIDADE

Uma condição ou estado de tratamento justo, inclusivo e respeitoso de todas as pessoas. Levando em consideração as diferenças individuais.

ETNIA

Significa a multiplicidade de crenças, comportamentos e tradições mantidas em comum por um determinado grupo de pessoas vinculadas as características linguísticas, históricas, geográficas, religiosas e / ou raciais.

GENOCÍDIO: Decisões, ações deliberadas e ações tomadas por um grupo de pessoas a fim de eliminar, geralmente através de assassinato em massa, a totalidade de outra nação ou grupo.

DIREITOS HUMANOS: São direitos básicos de todos os seres humanos que asseguram e protegem o direito de cada indivíduo de viver e trabalhar sem discriminação. Tentam criar um clima de dignidade para que todas as pessoas sejam respeitadas, independentemente da idade, ascendência, cor, credo, etnia, gênero, raça, orientação sexual, condição socioeconômica.

INTERSECCIONALIDADE: Definida como a experiência que interconecta vários fatores como: cultura, etnicidade, raça, credo, e a maneira como estão interligados nos sistemas existentes, de modo que eles definem como alguém é valorizado.

INTOLERÂNCIA: A recusa em respeitar ou reconhecer pessoas de diferentes origens raciais, religiosas, sociais.

OPRESSÃO: A subjugação de um indivíduo ou grupo por um indivíduo ou grupo mais poderoso, usando ameaças ou força física, psicológica, social ou econômica.

PATRIARCADO: Sistema de normas, valores, crenças, estruturas que conferem poder, privilégio e superioridade aos homens, e assim marginalizam e subordinam as mulheres.

PODER: A capacidade de influenciar os outros e impor suas crenças, culturas, valores, modos de pensar.

PRECONCEITO: Um conjunto de ideias consciente ou inconscientemente construídas sem provas legítimas ou suficientes; significa “pré-julgar” com base em pressupostos ou estereótipos falsos.

PRIVILÉGIO: Um conjunto de direitos, benefícios, vantagens, acessos e/ou oportunidades proporcionadas a algumas pessoas por causa de sua participação no grupo ou contexto social em detrimento de outras.

RAÇA: Conjunto de características físicas como cor da pele, forma dos olhos, textura do cabelo ou características faciais. O termo também é usado para designar categorias sociais nas quais as sociedades dividem as pessoas de acordo com tais características.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL: A discriminação racial é qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que anula o reconhecimento ou exercício dos direitos humanos.

RACISMO: Qualquer ação individual, coletiva ou institucional que inferioriza as pessoas de maneira diferente por causa de sua cor ou etnia.

SEGREGAÇÃO: A separação social, física, política e econômica de diversos grupos, imposta pelo grupo majoritário e suas instituições.

JUSTIÇA SOCIAL: Um conceito que assegura que cada indivíduo e/ou grupo deve ter oportunidades iguais, justiça, responsabilidades sociais, educacionais, econômicas, institucionais e morais valorizadas pela sociedade.

ESTEREÓTIPO: Uma super generalização, na qual a informação tem como base conceitos errados, informações incompletas e/ou falsas generalizações sobre raça, idade, grupos étnicos, linguísticos, geográficos, religiões, status social, físico, ou atributos mentais, gênero ou orientação sexual, atribuindo a mesma característica a todos os membros do grupo, independentemente de suas diferenças individuais.

RACISMO INSTITUCIONAL: O Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) implementado no Brasil em 2005[2] “, definiu o racismo institucional como “o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações. (CRI, 2006, p.22).

XENOFOBIA: Um medo ou ódio irracional de estrangeiros ou estranhos, assim como de suas culturas e costumes.



ESTATÍSTICAS

SEGUNDO O MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (2016):

45,2% dos negros ocupam empregos que pedem ensino fundamental

44,7% dos negros ocupam empregos que pedem ensino médio

27% dos negros ocupam empregos que pedem ensino superior

92% dos brancos ocupam os cargos de engenharia da computação

90% dos brancos ocupam os cargos de mecânico automotivo

89% dos brancos ocupam os cargos de professor de medicina

78% dos negros ocupam os cargos de trabalhador do campo (cacau)

74% dos negros ocupam os cargos de trabalhador do campo (cana)

74% dos negros ocupam os cargos de sinaleiro (ponte-rolante)

SEGUNDO PNAD TRIMESTRAL 4º SEMESTRE DE 2017, IBGE

O salário médio de um brasileiro branco é de R\$ 2.697

O salário médio de um brasileiro negro é de R\$ 1.526

SEGUNDO O INSTITUTO ETHOS, 2018

Apenas 6,3% das vagas de gerências são ocupadas por homens negros

Apenas 4,7% do quadro executivo são compostos por homens negros

Apenas 1,6% das posições de gerências são ocupadas por mulheres negras

Apenas 0,4% do quadro executivo são compostos por mulheres negras



CHAMADAS/ LEGISLAÇÃO

A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, NO SEU ART. 5º INCISO XLII, DETERMINA QUE “A PRÁTICA DO RACISMO CONSTITUI CRIME INAFIANÇÁVEL E IMPRESCRITÍVEL, SUJEITO DE RECLUSÃO NOS TERMOS DA LEI”.

Lei Caó: Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989.

Que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

Injúria Racial: Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997.

Que altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor

Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010.

Que institui o Estatuto da Igualdade Racial destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades

Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"



DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER RACISMO

1) OLHOS AZUIS

<https://vimeo.com/67460531>

2) CHACINAS NAS PERIFERIAS

<https://www.youtube.com/watch?v=53rQggrAoul>

3) THE COLOUR OF MONEY - A HISTÓRIA DO RACISMO E DO ESCRAVISMO

<https://www.youtube.com/watch?v=0NQz2mbaAnc>

4) RAÇA HUMANA

https://www.youtube.com/watch?v=y_dbLLBPXLo

5) O NEGRO NO BRASIL

<https://www.youtube.com/watch?v=zJAj-wGtoko>

6) NINGUÉM NASCE ASSIM

https://www.youtube.com/watch?v=6H_xfUCLWBY

7) RACISMO CAMUFLADO NO BRASIL

<https://www.youtube.com/watch?v=zJVPM18bjFY>

8) NEGRO LÁ, NEGRO CÁ

<https://www.youtube.com/watch?v=xPC16-Srbu4>

9) VIDAS DE CAROLINA

<https://www.youtube.com/watch?v=AkeYwVc2JL0>

10) NEGROS DIZERES

<https://www.youtube.com/watch?v=yjYtLxiVQ7M>

11) MULHER NEGRA

<https://www.youtube.com/watch?v=WDgGLJ3TPQU>

12) NEGRO EU, NEGRO VOCÊ

<https://www.youtube.com/watch?v=lpT17VJpnX0>

13) A REALIDADE DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS E INDÍGENAS

<https://www.youtube.com/watch?v=s4UsjpFg2Vg>

14) ESPELHO, ESPELHO MEU!

<https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>

15) OPEN ARMS, CLOSED DOORS

<https://www.youtube.com/watch?v=uXqpOFBXjBs>

16) THE BRAZILIAN CARNIVAL QUEEN DEEMED 'TOO BLACK' A GLOBELEZA QUE ERA NEGRA DEMAIS

https://www.youtube.com/watch?v=3yp4Fg_eT_c

17) BOA ESPERANÇA - MINIDOC

<https://www.youtube.com/watch?v=3NuVBNeQw0I>

18) VOCÊ FAZ A DIFERENÇA

<https://vimeo.com/27014017#at=70>

19) MEMÓRIAS DO CATIVEIRO

https://www.youtube.com/watch?v=_Hxhf_7wzk0

20) QUILOMBO SÃO JOSÉ DA SERRA

<https://www.youtube.com/watch?v=f0asl1-SpP4>

21) 7%

<https://www.facebook.com/usp7doc/>

22) MENINO 23

<https://www.youtube.com/watch?v=4wmraawmw38>

23) PELE NEGRA, MÁSCARA BRANCA

https://www.youtube.com/watch?v=sQEwu_TJi0s

24) INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE FRANTZ FANON

<https://www.youtube.com/watch?v=mVFWJPXscm0>

25) INVERNADA DOS NEGROS

<https://www.youtube.com/watch?v=TCyu-Tb6D1o>

26) A NEGAÇÃO DO BRASIL

<https://www.youtube.com/watch?v=jJFCEpc7aZM&list=PLIZ9Dyq1zKSpZhKAvbk3Pa-UxD9FoQ3Vw>

27) SUA COR BATE NA MINHA

<https://www.youtube.com/watch?v=gm-WjcZwgvq>

28) HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA NEGRA NO BRASIL

<https://www.youtube.com/watch?v=68AApIpKuKc>



SINASEFE.ORG.BR



FACEBOOK.COM/SINASEFENACIONAL



INSTAGRAM/SINASEFE



TWITTER.COM/SINASEFE



YOUTUBE.COM/CANALSINASEFE